

Um documento hebraico sobre a Batalha de Toro

Inácio Steinhardt

Investigador; Jornalista da Agência Lusa

Em 1950, o então Grão-Rabino Sefardita de Telavive-Jaffa, Yaakov Moshé Toledano¹, encontrando-se ocasionalmente na cidade de Maknés, em Marrocos, adquiriu para a Biblioteca Nacional e Universitária de Jerusalém uma carta manuscrita, em hebraico, do século XV.

Yaakov Moshé Toledano (1880-1960) era um entusiasta pela conservação de documentos hebraicos antigos, dispersos nas diversas comunidades e nas *yeshivot* (seminários rabínicos) e concebeu até a ideia de criar uma sociedade para a sua publicação.

Também no caso da carta, que adquiriu em Maknés, fez um estudo preliminar, que foi enviado pelo Instituto «Rav Kook», para ser publicado em *Otsar Yehudei Sefarad*, revista dedicada à investigação da história e cultura dos judeus peninsulares².

No seu artigo, o rabino fez a leitura paleográfica do documento, in-

¹ Rabi Jacob Moshe Toledano (1880-1960) era filho de Judah Toledano, de Marrocos, mas nasceu e estudou em Tiberíades. No princípio da Primeira Guerra Mundial foi exilado pelos turcos para a Córsega, por ser cidadão francês.

Em 1920 voltou para Tiberíades. Em 1926 foi nomeado para membro do rabinato de Tânger. Em 1937, era chefe do tribunal rabínico (*Ar-Bet-Din*) de Alexandria.

Entre 1942 e 1958 foi Grão-Rabino Sefardita de Telavive e depois de Telavive-Jaffa, a partir da unificação das cidades.

Foi ministro das Religiões do 8.º governo (1858-1959) e 9.º governo (1960) de Ben Gurion. Faleceu em 15/10/1960.

Deixou grande número de obras religiosas de sua autoria.

Talvez tenha pertencido à mesma família de rabinos de que descendiam o Rabi Habib Toledano, de Faro, e seu filho Isaac Toledano, que foi «hazan» (chantre) na sinagoga de Lisboa.

² *Otsar Yehudei Sefarad*, Livro II, Jerusalém 5719-1959.

felizmente danificado em alguns pontos e de difícil leitura, e estabeleceu correctamente tratar-se de uma carta dirigida por Guedaliah Ibn Yahia a Isaac Abravanel, acerca do movimento das tropas de D. Afonso V na batalha contra as forças do Rei da Sicília, Fernando de Aragão.

Isaac Abravanel (1437-1508) era conselheiro político e financeiro do Africano, e Guedaliah Ibn-Yahia Negro³ (1436-1487) seu físico e astrólogo.

Ficou assim o documento analisado, no seu aspecto judaico, mas não tenho conhecimento de que alguma vez tenha sido focada a sua contribuição para a historiografia portuguesa.

Eis a tradução portuguesa do texto, a partir da referida leitura do original hebraico, com ligeiras correcções, que se tornam óbvias, cotejando-a com os dados conhecidos.

A carta não tem data, pelo menos na parte legível, mas pelo contexto se deduz que foi escrita a 16 de Julho de 1475.

Segundo o estilo da época, o autor da carta utiliza com frequência citações de versículos da Bíblia e do Talmud, para descrever uma situação corrente. Isso permite, por vezes, reconstituir palavras ilegíveis de algumas dessas citações.

«⁴... ao senhor ao [palavra ilegível contendo as letras hebraicas “msh”]. Don Isaac Abravanel, que Deus guarde.

Escrevi-vos uma carta de Maqh... a terra ...[fiel?] ao rei de certeza e enviei-a para a Covilhã, pois sabia que daí a enviariam para V. °. Recebereis esta segunda carta e não tenho dúvida de que encontrareis nela novidades. Senhor, não vos enganem notícias de [pessoas] próximas ou afastadas, nem mesmo da boca dos mensageiros, porque os mensageiros, que não têm intenção de contar a verdade, hão de a desmentir... nalguma coisa... e alguns deles dizem menos [do que a verdade dos factos ?]. Benavente está com o

³ Terceiro do seu nome na família dos Ibn Yahia Negro.

⁴ No original não se consegue determinar se havia alguma linha antes desta, que talvez contivesse a data.

Rei e Men[daña?], e também dos outros. As notícias verdadeiras são que o Rei... com o seu acampamento e o Rei da Sicília está afastado dele umas cinco léguas. O castelo [palavra ilegível com as letras “metu...nu...”] ele está pronto a entregar-se ao Rei, contra a sua vontade, depois dos homens do castelo terem troçado dele, dizendo que ele era sodomita e que a sua mulher foi possuída e bastarda e penduraram sobre o castelo, num sítio alto, um par de cornos. O rei iniciou a luta contra o castelo, que está quase conquistado. Zamora está contra o nosso Rei, o castelo [...guila] há quem diga que passou para o serviço do Rei e para o ajudar, mas não há certeza. Salamanca caiu, [a cidade] mas não o seu castelo. Os senhores castelhanos são falsos, grandes revoltosos,” a confiança acabou-se e ela se exterminou da boca deles⁵” não espereis ouvir deles nada de bom. “Havia entre nós uma pérola preciosa, e eles correram a perde-la⁶” “e todo o mundo falava a mesma língua e dizia as mesmas coisas”...o Rei da Sicília e “não sei o que será no final do tempo da ira⁷”. E eu, na altura de escrever esta carta... no lugar Mogadouro em casa de Don Abraham Aboab, meu amigo querido do passado, que foi sempre como um irmão próximo e está pronto para o vosso serviço em tudo, como se fosse nascido na vossa casa, porque se lembra de favores e benesses que lhe fiz, e hoje, dia 16 de Julho, ele e eu e outros partiremos daqui para Miranda, porque ouvimos dizer que Pero Lourenço de Tavora quer ir ao encontro do Rei com um grande exército, e passarei com ele, com a ajuda de Deus, indo com o coração bem formado para não dar nem sequer um passo senão depois de observar e ponderar muito. Hoje passou aqui Pero de Alcasava [?] e outros cavaleiros. E este homem, que leva a carta, chama-se José... não... para... o seu caminho e pressa, por isso não me alarguei a escrever, basta isto. Desejo que conteis a escrevi para ela com as cartas que mandei para a Covilhã todos os meus queridos e amados em...[palavra ilegível, principiando em “R”]...

Guedaliah, filho de David que Deus tenha no paraíso.»

Ibn Yahia e Abravanel eram as duas mais importantes famílias judaicas de Portugal. Ambas se consideravam de origem nobre, descendentes directos do Rei David, através do exilarca Hezekiah, que viveu na Babilónia. Segundo a tradição, Hezekiah foi enforcado.

⁵ Jeremias 7,28.

⁶ Talmud, Tratado «Haguigah», 50.

⁷ Genesis 11,1 (antes da Torre de Babel, todos os homens falavam a mesma língua).

⁸ Daniel 8,19.

Dois dos seus filhos fugiram ou foram levados para a Península Ibérica. Um deles deu origem à família Ibn Yahia e o outro à família Abravanel. Um terceiro filho teria ido para a Polónia, onde deu origem à família Charlap.

O primeiro membro da família Ibn-Yahia (ou Ben Yahia) a estabelecer-se em Portugal foi D. Yahia Ben-Yahia, ou Yahia Ibn Yaish que, fugindo ao seu antigo suserano, Ibn-Caci, se refugiou na corte de D. Afonso Henriques, ex-aliado de Ibn-Caci. Foi com a ajuda e o conselho de Yahia que o fundador do Reino de Portugal conquistou Santarém aos mouros. Em recompensa, depois da conquista de Lisboa, Afonso Henriques agraciou-o com o senhorio de Unhos, Frielas e Aldeia dos Negros. Desta última, recebeu a família o sobrenome de «Negro»⁹. Guedalia, filho de David, ou «Mestre Guedelha», como era conhecido na corte, era um descendente desse primeiro Yahia.

Como os nomes próprios se repetiam com frequência nesta dinastia judaica, este Guedalia ficou conhecido como «Guedalia III».

A Guedalia II, também médico e astrólogo, e tio do autor da carta, se refere Ruy de Pina, no capítulo II, da sua *Chronica do Senhor Rey D. Duarte*, por ter insistido com o soberano para que adiasse a cerimónia da coroação para depois do meio-dia, pois «estas oras em que fazees fundamento seer novamente obedecido mostram seer muy perigosas, e de muy triste constellaçam, caa Jupiter estaa retrogado, e o Sol em decaymento com outros sinaees que no Ceo parecem assaz infelices».

D. Duarte não aceitou o conselho do seu servidor judeu, que logo ali afirmou que «regnaria poucos annos, e estes seriam de grandes fadigas, e trabalhos...» como efectivamente foram, pois D. Duarte reinou apenas 5 anos, e pereceu da peste que grassou no país¹⁰.

Já na coroação de D. Afonso V, segundo o cronista Rui de Pina, foi tido em consideração o conselho de Mestre Guedelha:

⁹ A.C. de Barros BASTO, *D. Yahia Ben-Yahia, o 1.º Rabi-Mor de Portugal*, Porto, 1944.

¹⁰ Ruy de PINA, *Chronica do Senhor Rey D. Afonso V* (BN H.G. 8682.^a – p. 76). O historiador judeu, Eliakim Carmoli, na sua *História da Família Yahia* (em hebraico: *Sefer Divrei Hayamim le-Bnei Yahya* (Francoforte, 1850), p. 13, refere assim este episódio:

«E em quanto hum Meestre Guedelha, singular Fysico e Astrologo, per mandado do Yfante regulava, segundo as ynfluencias e cursos dos Planetas, a melhor ora e ponto, em que se poderia dar aquela obediencia... E em dizendo Meestre Guedelha, que era boã ora pera fazer sua obediencia, o Yfante com os gíolbos em terra tomou as maaons ao Pryncepe, e em lhas beijando disse: ...»¹¹

Tinha este Guedalia II um irmão, David Ibn Yahia, segundo de seu nome, que faleceu em Lisboa, em 1465.

Todos os filhos de David, Salomão, Yossef e Guedalia, serviram na corte de D. Afonso V.

Yossef (Josef Negro) foi conselheiro, muito conceituado na corte. Foi também membro proeminente da comunidade judaica e a ele se deve a encomenda de muitos livros judaicos iluminados, que mandou copiar na oficina de Lisboa, em pergaminho, parte dos quais se encontram na colecção do British Museum, em Londres.

O terceiro filho de David, Guedalia III, foi o médico de D. Afonso V, e, como aprendemos pela carta, acompanhou-o na sua campanha contra Isabel de Castela.

O destinatário da carta é Isaac Abravanel, neto de Samuel Abravanel, de Sevilha, contador-mor e tesoureiro da rainha, que foi o primeiro membro da família a vir de Castela para Portugal.

Samuel foi forçado a converter-se ao cristianismo, em Castela, durante os pogrom anti-judaicos de 1391, em circunstâncias que não estão suficientemente documentadas, e recebeu no baptismo o nome de Juan Sanchez.

«No ano de 1433, terça-feira, 15 do mês de Agosto, estava o rei D. Duarte perante os ministros e os grandes do reino, e foi ter com ele Guedaliah o judeu, médico do rei e grande astrólogo, e disse-lhe: “Por mim, senhor, não ponhais hoje a coroa na vossa cabeça, antes da meia-noite, porque os astros estão agora muito maus.” O rei não o escutou porque não acreditou nas suas palavras. Então disse o médico: “Receio que não seja feliz o seu reinado, vossa majestade.” E como ele disse, assim foi, porque os dias do seu reinado foram poucos e maus. Não reinou senão cinco anos e 27 dias. E todos os seus dias foram de peste e de epidemias, e guerras com os árabes em África. Lá foi preso o seu irmão D. Fernando, posto a ferros, e lá morreu.»

¹¹ Rui de PINA, *op. cit.*, pp. 205-206.

Assim que pôde, mudou-se com a família para Portugal, regressando ao judaísmo e ao seu nome inicial. Com ele veio seu filho Judah Abravanel, pai de Isaac.

Isaac Abravanel nasceu em Lisboa em 1437. Foi tesoureiro e conselheiro de D. Afonso V, que depositava nele muita confiança e o consultava em todos os assuntos importantes, especialmente em caso de guerra¹².

Ao mesmo tempo, os Abravanel mantinham uma relação muito estreita com a Casa de Bragança, muito influente na corte. Essa relação vinha já desde os tempos de D. Judah, pai de Isaac, e do primeiro Duque de Bragança, o Conde de Barcelos, D. Afonso¹³.

*

O evento histórico a que se refere a correspondência entre os dois judeus, membros da corte de D. Afonso V, foi a guerra da sucessão de Espanha, por morte de D. Henrique IV, o pouco ditoso monarca castelhano.

Henrique nasceu em 1420, do casamento de seu pai, D. João II, com Maria de Aragão.

Quando Maria morreu, em 1445, Henrique era um jovem de 25 anos, casado com Branca de Navarra. Henrique foi sempre, desde criança, doentio e melancólico e corriam rumores de que o seu casamento nunca fora consumado, por o príncipe ser impotente.

O pai, D. João II, vendo que deste filho nunca obteria herdeiros, decidiu contrair novo matrimónio, desta vez com Isabel de Portugal, prima de D. Afonso V, que logo lhe deu dois filhos: o príncipe Alfonso e a princesa Isabel.

Henrique, sentindo-se preterido, decidiu divorciar-se de Branca, alegando que só com ela não podia copular, uma vez que com outras mulheres não tinha problema.

Branca ofendeu-se, afirmando que nunca tinha posto objecções ao marido, mas teve que se sujeitar à humilhação de ser observada por matronas da corte, que comprovaram ser ainda virgem.

Ao mesmo tempo, foi enviado um sacerdote aos bordéis de Segóvia, para obter das meretrizes um testemunho da virilidade do príncipe¹⁴.

Henrique, porém, prosseguiu a farsa, voltando a casar em 1455, desta vez com uma prima de sua madrasta, a princesa Joana de Portugal, irmã do monarca reinante.

Por morte de D. João II de Castela, seu filho mais velho subiu ao trono, com o título de Henrique IV. Joana, a rainha, continuava virgem como no dia em que nasceu.

Henrique IV começou a ser apodado pelo povo de «O Impotente» e circulavam chistes maldosos em redor das suas amizades com Juan Pacheco, Marquês de Villana, e com Beltrán de la Cueva, seu favorito.

Finalmente surgiu a boa nova: a rainha deu à luz uma menina, a quem puseram também o nome de Joana.

Mas, na corte a princesa ficou conhecida por «La Beltraneja», querendo indicar que seu pai biológico seria Beltrán de la Cueva, o qual, depois do nascimento da princesa, recebeu o título de Conde de Ledesma.

Estes pormenores tornam-se necessários para tentar explicar a referência que Gedalia faz na sua carta a «*depois dos homens do castelo terem troçado dele, dizendo que ele era sodomita e que a sua mulher foi possuída e bastarda e penduraram sobre o castelo, num sítio alto, um par de cornos.*»

¹⁴ Por essa altura, o príncipe foi observado pelo médico alemão Hyeronimus Munzer, que deixou no seu itinerário de viagem, escrito em latim, uma descrição pormenorizada do defeito anatómico de Henrique, que lhe não permitia sustentar uma erecção. Uma tradução em espanhol do itinerário de Munzer foi publicada no *Boletim da Real Academia de História: «Viaje por Espana y Portugal en los años 1494 y 1495»* - por Jeronimo Munzer - traduzido do latim para espanhol por Julio Puyol. Este trabalho é também importante porque contém a única descrição conhecida da sinagoga grande de Lisboa, que depois da conversão forçada dos judeus, foi transformada em Igreja da Conceição, e no terramoto de 1755 foi destruída.

¹² Elías LIPINER, «Two Portuguese Exiles in Castile», Jerusalém 1997, p. 54.

¹³ Filho bastardo do Mestre de Aviz, D. João I, e de uma judia, filha do Barbadão.

Porém, a frase é pouco clara, uma vez que não faz sentido referir-se a Henrique IV, quando este já era falecido, e todo o conteúdo da carta refere-se apenas às lutas entre D. Afonso V de Portugal e D. Fernando de Aragão.

Evitaremos pormenorizar demasiado a sequência de eventos internos, entre nobres castelhanos rivais.

Para obstar a que a «Beltraneja» reinasse em Castela, na sucessão de seu pai, alguns nobres iniciaram em 1465 uma guerra civil, na intenção de fazer subir ao trono, o jovem príncipe Alfonso, meio-irmão do rei. Nessa altura, Henrique desapareceu, e a rainha, recolheu com a Beltraneja, a Segóvia.

Em Julho de 1468, misteriosa doença vitimou mortalmente o príncipe Alfonso, com a idade de 14 anos.

Dois meses mais tarde, Henrique e Isabel encontraram-se para uma reconciliação. Henrique recebeu as homenagens dos nobres e reconheceu Isabel como sua sucessora, em detrimento da «Beltraneja».

Em 1469, Isabel, contra a vontade de seu meio-irmão, o rei Henrique IV, ausentou-se à revelia do palácio e foi a Valladolid casar-se secretamente com Fernando de Aragão, príncipe herdeiro de Aragão, Rei da Sicília.

Quando Henrique IV faleceu em 1474, em circunstâncias que também deram lugar a suspeitas de envenenamento, Isabel foi coroada rainha de Castela.

João Pacheco, marquês de Villena, e outros nobres castelhanos, dirigiram-se então a D. Afonso V de Portugal, convencendo-o a casar com a sobrinha, Joana, a «Beltraneja» e a disputar o trono de Castela a Isabel e Fernando.

*

Alguns conselheiros de D. Afonso V reconheceram as dificuldades do empreendimento. Lembraram-lhe que os principais no-

bres castelhanos, em quem agora confiava, eram os mesmos que antes haviam contribuído para derrotar as pretensões de Joana contra a sucessão de Isabel, sua rival.

Fernando de Aragão estava ligado por laços familiares a algumas das mais poderosas famílias de Castela.

E a população, não só estava convencida da legalidade dos títulos de Isabel, como se sentia profundamente ligada a ela.

Ninguém ignorava também o desejo profundo de vingar a derrota de Aljubarrota e o ódio proverbial a Portugal¹⁵.

Não existem fontes que nos permitam determinar a posição de Abravanel e dos irmãos Yahia em relação à guerra contra Castela. Benzion Netanyahu pensa, no entanto, que esta se pode deduzir das obras de Abravanel, em que ele critica as guerras de agressão.

«Essas guerras em vez de resultar em lucro, trarão mais facilmente má fortuna ao agressor, mesmo que este à partida pareça mais forte do que a nação que ele ataca»¹⁶.

Por outro lado, entre os opositores da invasão de Castela encontrava-se D. Fernando, segundo duque de Bragança, o que, dadas as suas relações entre os Bragança e os Abravanel, poderá também ter influenciado a posição de Isaac.

O monarca português confiava, porém, nas promessas dos nobres castelhanos e não deu ouvidos aos conselhos pessimistas.

E, apesar da diferença de opiniões, a partir do momento em que o monarca decidiu ir para a guerra, tanto os Bragança, como o conselheiro real, Abravanel, lhe deram todo o apoio durante o conflito¹⁷.

¹⁵ William H. PRESCOTT, *History Of The Reign Of Ferdinand and Isabella, The Catholic*, Vol. 1, Capt. V.

¹⁶ Benzion NETANYAHU, «Don Isaac Abravanel: Statesman and Philosopher», *The Jewish Publication Society*, Philadelphia, 1953, p. 25.

¹⁷ Netanyahu – *op. cit.*, p. 24.

*

D. Afonso V pôs as suas tropas em marcha, em princípios de Maio de 1475.

Entrando em Castela através do Alentejo, avançou pela Estremadura castelhana para o Norte, em direcção a Placência, onde era aguardado pelo Duque de Arévalo e pelo Marquês de Villena.

Estes, apresentaram-lhe a princesa Joana, sua noiva destinada, que contava apenas 13 anos de idade.

A 12 do mesmo mês teve lugar, com toda a pompa, a cerimónia do noivado. Logo foram enviados emissários a Roma, para solicitar a anuência do Papa ao casamento consanguíneo.

Em seguida, os noivos reais foram proclamados, com as cerimónias da praxe, soberanos de Castela. Foram enviadas cartas às principais cidades, confirmando o título de Joana, e reclamando obediência.

Retomando a marcha para Norte, poucos dias depois, agora em direcção a Arévalo, o soberano português decidiu esperar pelos reforços, que deveria receber dos seus aliados castelhanos.

Esta demora em Arévalo permitiu a Fernando e Isabel, até então mal preparados para o confronto, e com evidente falta de gente, mobilizar mais soldados e mais aliados.

Nos princípios de Julho, após os esforços incansáveis de Isabel em mobilizar aliados, Fernando, viu-se à frente de uma força que contava apenas com 4 mil homens armados, 8 mil cavalos ligeiros, e 30 mil peões, provenientes sobretudo das montanhas do norte, que manifestavam particular devoção à sua causa.

As forças dos seus aliados do sul estavam ocupadas principalmente na repressão de revoltas domésticas e em incursões em território português¹⁸.

¹⁸ «Ávila e su tierra e comarca: En Santiago de la Puebla, cinco días del mes de junio del año (MCD) LXXV (1475), se presentaron de Juan Yáñez de Flores, Alfonso

*

É aproximadamente neste ponto da história que Guedalia Ibn Yahia escreve o seu segundo relatório para Isaac Abravanel – o primeiro teria sido enviado antes para a Covilhã¹⁹.

O médico encontra-se em Mogadouro, em casa de seu amigo, Abraham Aboab²⁰, e denuncia já a falsidade das promessas dos fidalgos castelhanos, utilizando para isso um versículo de Jeremias.

Estava-se a 16 de Julho, e, nessa data, Guedalia e Aboab vão partir para Miranda do Douro, para se juntarem às tropas de Pero Lourenço da Távora, que será, provavelmente, o 3.º senhor do Mogadouro.

*

Afonso V, após dois meses de paragem em vão, avançou para Toro, cujo governador, conforme combinado previamente, lhe entregou a cidade. Exceptuou-se a fortaleza que continuava a oferecer resistência, primeiro sob o comando do alcaide, Juan de Ollop e, depois da morte deste em combate, de sua viúva, Maria de Sarmiento.

de Escobedo, su hijo, ombre de armas con paje, e Martín de Olmedo, ombre de armas syn paje .

Arévalo e Medina e Frexno e sus comarcas: En Santiago de la Puebla, sábado III días del mes de junio del año LXXV, se presentó Pero de Cárdenas e Iohan Verdugo (e Alfonso de Herrera) e Juan de Atienza, ombres de armas con pajes; e Gil de Espinosa, ombre de armas syn paje, e Pero Aguador, gynete con paje, e Uleón de Rasueros, gynete sin paje.

Salamanca: Viernes, IX días del mes de junio del año LXXV, se presentaron en Santiago de la Puebla del arcediano Diego Nieto, Diego Nieto, de armas con paje, e Pero de Palencia, ombre de armas syn paje, e Alfonso Syerra e Alfonso Nieto, ginetes syn paje» (*Reproducido por D. Ramón Grande del Brío. Santiago de la Puebla. Un hito Jacobeo en el Camino del Sur. Ed.*) Ayuntamiento de Santiago de La Puebla, 1999.

¹⁹ Ou talvez por Pero da Covilhã, escudeiro do rei, que também o acompanhava na incursão.

²⁰ Na conhecida família Aboab, de Castela, houve várias personagens com o nome de Abraham. Maria José Pimenta Ferro Távares refere, nos seus livros, vários Aboab, a residir no século XV em Mogadouro, sem indicação do nome próprio.

Ocupado ainda em vencer a resistência da fortaleza, Afonso foi convidado a aceitar a submissão da cidade e castelo de Zamora.

A adesão destas duas importantes praças da província de Leão era muito importante para o rei de Portugal pela proximidade ao seu próprio território.

Compreendendo isso, Fernando decidiu avançar para a ofensiva.

A 19 de Julho estava frente à praça de Toro, a colocar as suas tropas em ordem de combate. Mas na precipitação do avanço, as tropas castelhanas perderam o contacto com a sua retaguarda, ficaram sem abastecimentos e viram-se forçadas a retirar. Maria de Sarmiento acabou por entregar a fortaleza aos portugueses.

Afonso, porém, não estava em condições de se aproveitar deste sucesso. Por um lado, os seus aliados castelhanos estavam com grandes dificuldades para juntar os seus vassallos à causa portuguesa e em lugar de lhe fornecer os contingentes que esperava, tiveram que se ocupar da defesa dos seus próprios territórios contra os leais partidários de Isabel. Por outro lado, numerosos esquadrões de cavalaria ligeira da Estremadura e da Andaluzia estavam a atacar as zonas fronteiriças desprotegidas de Portugal, causando ali grande desolação.

Os fidalgos portugueses começaram a murmurar contra a sua longa estadia em Toro, enquanto as suas próprias terras eram agora teatro de guerra.

Afonso viu-se forçado a enviar importantes destacamentos para o sul, para defender as suas fronteiras.

Em princípios de Dezembro, Fernando partiu de Burgos para Zamora, cuja população manifestara o desejo de devolver a sua lealdade à rainha, e preparou-se para investir contra a cidadela.

A ocupação de Zamora iria interceptar as comunicações das tropas portuguesas e o território nacional. Afonso pediu com urgência a seu filho, o infante D. João, que acorresse com o máximo de tropas que pudesse reunir.

O príncipe, à frente de 2 mil lanceiros e 8 mil tropas de infantaria, deu a volta pela Galiza e juntou-se a seu pai em Toro, no dia 14 de Fevereiro de 1476.

Na noite de 17 de Fevereiro, depois de deixar uma guarnição suficiente para a defesa de Toro, Afonso atravessou, com o remanescente das suas forças, a ponte sobre o Douro e chegou a Zamora, pelo margem sul do rio, antes do amanhecer.

As tropas castelhanas ficaram assim entre dois fogos, da fortaleza e da margem sul. Mas as cheias do rio, no Inverno, e a ponte tornada intransitável pelos canhões do inimigo, não permitiam aos portugueses atacar os sitiados.

Ao mesmo tempo, a cavalaria ligeira comandada por Isabel, rodeou o acampamento dos portugueses e cortou-lhes os acessos aos mantimentos.

Acrescendo a isto, com a notícia de mais tropas, que vinham em socorro de Fernando, Afonso decidiu por uma retirada imediata, a 1 de Março, destruindo a parte sul da ponte, para que os castelhanos os não pudessem perseguir.

Os castelhanos avançaram então em direcção a Toro, frente à qual encontraram os portugueses alinhados para a batalha. D. Afonso V comandava a ala central, com o arcebispo de Toledo à sua direita, até às margens do Douro, e o príncipe João à esquerda, com os arcabuzeiros e a cavalaria.

Do lado castelhano, Fernando apresentou-se ao centro, perante o seu rival, com o almirante Duque de Alva à esquerda, e os homens armados de Leão e da Galiza à direita.

Ao cabo de uma luta obstinada de mais de três horas, com forças sensivelmente iguais de ambas as partes, foi a resistência física que venceu.

Depois do célebre episódio do «Decegado» – o porta-bandeira Duarte de Almeida, que, depois de lhe serem cortados os dois braços pelas espadas castelhanas, segurou o estandarte português com

os dentes – a bandeira portuguesa, já desfeita em tiras na luta pela sua posse, acabou por cair nas mãos do inimigo.

As tropas portuguesas dispersaram-se em todas as direcções. Muitos homens morreram afogados no Douro. O príncipe João conseguiu reunir um resto das tropas no cimo de uma colina. D. Afonso V desapareceu e pensava-se que havia morrido na luta, mas conseguiu encontrar asilo, são e salvo, no alcácer de Castro Nuño.

O rei de Castela manteve-se no campo de batalha até depois da meia-noite, quando iniciou a marcha triunfal para Zamora.

Ao receber, em Tordesilhas, a notícia da vitória, que a consagra definitivamente como rainha de Castela, Isabel mandou organizar uma procissão, em que tomou parte humildemente descalça.

*

Os resultados funestos da guerra, longe de prejudicarem a influência do Duque de Bragança e de Isaac Abravanel na corte, pelo contrário, só a favoreceram.

Quando D. Afonso V, no desespero do fracasso, abdicou em favor de seu filho D. João, que muito o ajudou com suas tropas, e conseguiu mesmo algumas vitórias no campo de batalha, D. Fernando tudo fez para o dissuadir e convencer a reassumir a responsabilidade do trono.

Ribeiro dos Santos afirma que D. Afonso V se aconselhava sempre com Abravanel em todas as decisões cruciais, especialmente militares²¹.

Netanyahu põe em dúvida a ênfase particular de Ribeiro dos Santos sobre os assuntos militares, por falta de provas documentais.

²¹ Ribeiro dos SANTOS, «Memória da Litteratura Sagrada dos Judeos Portuguezes», in *Memórias de Litteratura Portuguesa da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, II, Lisboa, 1792, p. 289.

No entanto, deduz das notícias autobiográficas de Abravanel que o seu papel de conselheiro não se limitava às questões financeiras²².

A carta de que trata este trabalho constitui prova de que Abravanel, pelo menos, se interessava pelo desenvolvimento das operações militares.

Senhor de uma imensa fortuna, como ele próprio confessa na Introdução ao seu *Comentário sobre o Livro de Josué*, Abravanel contribuiu com mais de dez por cento para o empréstimo de 12.000.000 reais, que um grupo de cristãos e judeus concedeu à Coroa em 1480, depois da guerra com Castela.

O país vivia agora em paz e para Abravanel foi este talvez o período mais feliz da sua vida, em que se dedicou ao estudo e à escrita de trabalhos filosóficos e religiosos, gozando da sua fortuna e da felicidade que lhe vinha de seus filhos, todos eles sábios e bem colocados na vida. Ele era também o líder indisputado da comunidade judaica portuguesa.

A inesperada morte de D. Afonso V, em 18 de Agosto de 1481, foi um duro golpe para Isaac Abravanel e o fim de uma época feliz para os judeus portugueses.

*

Vejamos agora qual foi o destino dos dois personagens judeus deste documento.

Guedalia Ibn Yahia, depois da morte de D. Afonso V, pressentiu que a vida dos judeus em Portugal iria mudar e decidiu emigrar para a Terra de Israel. Deixou Portugal em 1487, seguindo por barco para Itália, onde viveu por largo espaço de tempo em casa de um amigo e daí largou mais tarde para Constantinopla, a caminho de Jerusalém.

Em Constantinopla fizeram-lhe grandes honras, e publicou aí um livro com o título *Sheva Einayim (Sete Olhos)*, pois tratava de sete aspectos da ciência).

²² Netanyahu, ob. citada, nota 69 do primeiro volume.

Ainda em Constantinopla, adoeceu com uma grave úlcera no estômago, de que veio a falecer em Setembro de 1488. Foi sepultado do cemitério judaico de Negroponte²³.

Na sua sepultura está, segundo Carmoli, uma inscrição em hebraico, com o seguinte significado:

«Chamem-me tesouro encantador,
Que em mim jaze a sabedoria e também o talento
Em mim jaze o melhor dos homens
Amigo dos que jazem em Hebron [os patriarcas Abraão, Isaac e Jacob]
Mãe da Mikrá, pai da Torá, irmão da sabedoria
O rabi Guedalia filho do Nassi [chefe da comunidade] David Ben Yahia,
Aos 3 dias da lua de Tishri Ano de 5248,
Tendo 51 anos.
Que a sua alma seja inscrita no feixe da vida.»

Isaac Abravanel viu a sua posição deteriorar-se durante o reinado de D. João II, que ele apelida, nos seus escritos, de ambicioso, sangrento, enganador e tirano.

Quando soube, por informações secretas, que era suspeito de envolvimento na rebelião que alguns nobres tramavam contra o soberano, e entre eles alguns dos seus amigos da casa de Bragança, Abravanel apressou-se a fugir, com seus filhos e filhas, para Castela, no último momento antes de ser preso.

Temos um testemunho do relacionamento de Isaac Abravanel com cada um dos monarcas que serviu, em algumas passagens do prefácio ao seu *Comentário ao Livro de Josué*, escrito também, conforme o já citado costume da época, na base de versículos da Bíblia:

«... Eu vivia feliz na corte do rei Dom Afonso, um rei poderoso, cujos domínios se prolongam do mar até ao mar, prosperando em tudo quanto fazia, um rei crente em Deus e que se afastava do mal, procurando o bem do povo [juden], quando se juntavam os chefes do povo; um homem de ciência incomparável e mestre, que beneficiava da árvore do conhe-

²³ O autor de «Shalshet Hakabalah», também chamado Guedaliah Ibn Yahia, escreve, por engano, que o médico português morreu em Safed, na Palestina.

cimento, a que não podia chegar com a sua mão. Durante o seu próspero reinado o Senhor lembrou-se dos judeus, para lhes dar pão. Os judeus gozaram de desafogo e salvação. Eu deliciava-me sentando-me sob a sua sombra e quando estava ao lado dele, apoiava-se na minha mão ...

... O seu filho D. João subiu ao trono, um novo rei que não conhecia [os amigos de seu pai] e voltou o seu coração para odiar os que foram seus ministros e para tratar mal os seus servidores. E não se abriu com os amigos do seu antecessor, os nobres e príncipes das províncias, que se sentavam como primeiros do reino, fidalgos da mais alta estirpe, seus próprios parentes, ossos dos seus ossos e carne da sua carne, e maliciosamente lhes disse: Tereis que morrer, porque conspiraste contra mim, para me entregarem e ao meu reino à coroa espanhola. E entre eles prendeu um dos mais famosos nobres, o segundo mais importante depois do rei, um dos seus favoritos²⁴, matando-o com a espada...

... O rei estava irado também comigo, apesar de eu nunca ter praticado qualquer injustiça e nunca se terem achado enganos na minha boca. Apenas porque desde tempos imemoriais, e nos bons velhos tempos, eu ter sido amigo íntimo dos nobres perseguidos e eles pedirem o meu conselho...

... E incluiu-me entre os conspiradores afirmando que aqueles homens nada fariam sem primeiro me confiarem o seu segredo e os seus pensamentos íntimos, porque a minha alma estava ligada com as deles...»

Em Castela, Isaac Abravanel foi chamado para o serviço dos Reis Católicos, Fernando e Isabel.

Mas, em 1492, em consequência do Decreto de Expulsão, promulgado por aqueles mesmos soberanos, teve que abandonar também Espanha, juntamente com todos os judeus, que se recusaram converter ao cristianismo.

D. Isaac estabeleceu-se primeiro em Nápoles, onde se dedicou inteiramente a escrever as suas obras filosóficas e religiosas. As circunstâncias obrigaram-no a partir novamente em 1503, desta vez para Veneza.

Entretanto, em Portugal reinava já D. Manuel I, e Abravanel pode ainda exercer uma última missão diplomática.

A descoberta do caminho marítimo para a Índia, por Vasco da

²⁴ O Duque de Bragança, D. Fernando.

Gama, havia colocado Portugal na hegemonia do comércio das especiarias, em detrimento de Veneza.

Depois de terem tentado, em vão, colocar obstáculos ao comércio dos portugueses na Índia, os venezianos tiveram que se render à evidência: o comércio das especiarias estava perdido para eles.

Foi então que Isaac Abravanel apresentou ao *Consiglio dei Dicci*, um plano para negociar com a coroa portuguesa um acordo para a repartição do comércio das especiarias. Esse acordo teria repercussões não só em Portugal e em Veneza, mas em toda a economia mundial.

O plano de Abravanel foi aceite pelo Conselho, que lhe assegurou a gratidão de Veneza, caso ele se concretizasse.

Isaac Abravanel escolheu o seu sobrinho, Josef Abravanel, para ir a Lisboa negociar com os conselheiros de D. Manuel I.

Ele confiava na mudança de atitude do novo soberano em relação à sua pessoa, pois ele fora amigo e conselheiro pessoal também do Duque de Beja, irmão do rei, que fora também acusado de conspiração e morto por D. João II.

Apesar do insucesso da missão, por ter sido rejeitado o acordo pela coroa portuguesa, os líderes venezianos não negaram o seu apreço pela iniciativa de Isaac Abravanel.

Este, faleceu naquela cidade em Dezembro de 1508, com a idade de 71 anos.

As leis venezianas não permitiam o enterro de judeus dentro dos limites da cidade. Por isso, Dom Isaac foi sepultado no cemitério judaico de Pádua²⁵.

*

Uma tradição familiar dos Abravanel mantém que o poeta Bernardim Ribeiro, autor de *Menina e Moça*, cuja genealogia se des-

conhece até hoje, era, na realidade, um neto de Isaac Abravanel, filho de Judah Abravanel²⁶, que o teria feito passar clandestinamente a fronteira para Portugal com uma ama. O rei D. Manuel I, sabendo de quem se tratava, apropriou-se da criança e educou-a na corte, na cristandade.

²⁵ Netanyahu, *op. cit.*, pp. 82-84.

²⁶ Mais conhecido por Leão Ebreu, poeta, autor dos *Diálogos de Amor*, em italiano.

Handwritten text in a cursive script, likely a historical document. The text is dense and covers most of the page. At the bottom right, there is a small rectangular stamp with the word "LITURGIA" visible. To the right of the stamp, the number "157" is written. The text appears to be a transcription of a document, possibly related to liturgical practices or church records.

FIGURA 1

Reprodução do documento transcrito nas páginas 154-155.